

# Vocação matrimonial

A vocação matrimonial é, em última análise, o berço de todas as outras vocações. É do seio da família que surgem novos homens e novas mulheres, que se dedicam a todas as vocações. Impulsionada pela fé e alicerçada na Palavra de Deus, a família advinda da vocação matrimonial tem sido o sustentáculo da sociedade, através dos milênios. A vocação matrimonial, como as demais vocações, a exemplo da sacerdotal e da religiosa, é uma dádiva divina. Homens e mulheres que se lançam no conviver, ou seja, no viver com o outro, num enlace santo, devem responder com firmeza para assumir a família e para impulsionar a vida familiar em torno do amor que vem de Deus e toca o coração do ser humano.

A vida matrimonial é fundada na vocação ao amor, dada por Deus. Eis o seu fundamento inicial: “Tendo-os Deus criado homem e mulher, seu amor mútuo se torna uma imagem do amor absoluto e indefectível de Deus pelo homem.” (parágrafo 1604 do Catecismo da Igreja Católica). É a palavra de Deus que nos revela isto: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele o criou” (Gn 1,27). Mas, os dois seres criados, homem e mulher, unir-se-iam, pois não haveria sentido se vivessem separados. Então, Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda” (Gn 2, 18). Porém, a palavra “auxiliar” não significa “submissão”.

A mulher não deve ser submissa ao homem. Ambos constituem uma só carne. E sendo uma só carne, fundem-se, igualmente, na responsabilidade da constituição da família, da convivência harmoniosa, na formação e educação da prole. Sendo uma só carne, vivem um para o outro, doando-se, dividindo alegrias e tristezas, lutando, juntos, para a boa conformação da família que constituem atentos à Palavra do Divino Criador: “Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à mulher, e eles se tornam uma só carne” (Gn 2,24).

É sabido que Deus chama o homem e a mulher e, pelo seu infinito amor à sua mais perfeita criatura, dá-lhe o livre arbítrio para responder SIM ou NÃO a esse chamado. O matrimônio é uma aliança entre o homem e a mulher, para toda a vida. Isto é, o matrimônio contraído com absoluta convicção de que a família assim constituída colabora no processo contínuo da criação. É assim que se diz que os seres humanos são copartícipes na criação.

O mundo contemporâneo ou pós-moderno, como se queira dizer, tem abalado a estrutura familiar. Não se deve olvidar que novas formas familiares têm surgido no mundo civil, amparadas pela legislação estatal. A Igreja tem suas convicções, lavradas e sedimentadas na Palavra de Deus, na Tradição Apostólica e no seu Magistério. Estas convicções não serão abaladas. Todavia, o olhar da Igreja, que é, ao mesmo tempo, “Mãe e Mestra” (Mater et Magistra, como nos afirmou São João XXIII), deve ser de atenção para com a realidade social, sem que, com isto, venha a descaracterizar o que vem sendo construído

ao longo de dois milênios, adentrando já no terceiro milênio. A Igreja de Jesus Cristo é formada por homens e mulheres santos e pecadores. A busca pela santificação deve ser uma constante em nossas vidas. É assim que vencemos o pecado, cotidianamente.

O matrimônio não deve ser encarado como um par de algemas. Ninguém deve contrair matrimônio por simples convenção social, por brincadeira, ou por que seja lá o que for diferente do verdadeiro sentido deste sacramento tão importante na vida da Igreja e no processo de sedimentação da sociedade. O matrimônio é um enlace abençoado por Deus, para que a vida do casal se torne uma constante doação. Respeito, compromisso, companheirismo, fidelidade, caminhada conjunta, cada qual com os seus próprios pés, porém, tudo alicerçado no amor de Deus por nós.

Disse Jesus que o matrimônio é indissolúvel: “Não separe o homem aquilo que Deus uniu” (Mt 19,6; Mc 10,9). Esta consciência os cristãos católicos devem ter. Este “não separar” não vem a ser um grilhão imposto ao homem e à mulher. Não é isto. O “não separar” quer dizer que a família necessita de proteção contínua, que o amor que uniu o casal seja levado aos confins do tempo, que o casal, um e outro, tiver de vida, até que a morte os separe.

A vida a dois não é tarefa fácil para ser alimentada, para ser partilhada. É preciso dedicação e cuidado. Dedicar--se um ao outro e aos filhos. Cuidar mutuamente. Eis o que nos diz Paulo: “Se alguém não cuida dos seus, sobretudo dos que vivem com ele, este renegou a fé e é pior que um infiel.” (1 Timóteo 5, 8).

Os tempos de hoje desafiam as famílias. A luta pela unidade familiar, pela dignidade da vida em família é árdua. Que a Palavra de Deus seja praticada no seio familiar. Que a oração em conjunto seja o ponto de apoio de que as famílias necessitam. Que a Igreja Católica cuide de orientar mais e melhor as famílias. Que os jovens não se percam nos descaminhos da vida fácil e fútil. Que os idosos não sejam vistos como “um peso”. Que a vida continue a fluir na caminhada em busca do Pai.

Que Jesus Cristo, caminho, verdade e vida, esteja com todos os leitores, com toda a cristandade e com todos os homens de boa vontade. Que Deus abençoe as nossas famílias.

**Dom João José Costa**

Arcebispo Metropolitano de Aracaju

*Fonte: Jornal da Cidade*

*Edição de final de semana (2 a 4/9/2017)*